
O DESAFIO DA APURAÇÃO JORNALÍSTICA NO CIBERESPAÇO

*Vilso Junior Santi**

Resumo

Nesse trabalho, através da apresentação sistemática de algumas características e conceitos relacionados ao webjornalismo e a suas rotinas de produção, especificamente no que diz respeito às mudanças nos processos de apuração jornalística, objetivamos contribuir para compreensão crítica do webjornalismo junto com seus efeitos nos modos midiáticos de organização social da atualidade. Também procuramos favorecer o desenvolvimento da capacidade avaliativa em relação aos produtos webjornalísticos e à prática profissional a eles vinculada, seja ela acadêmica e/ou de mercado, para assim facilitar o entendimento dos câmbios nos procedimentos de apuração jornalística no webjornalismo e/ou no jornalismo do ciberespaço.

Palavras-chave

Webjornalismo; Apuração jornalística; Rotinas de produção; Produtos web jornalísticos; Processos jornalísticos.

INTRODUÇÃO

Nosso percurso nesse ensaio está marcado por alguns momentos os quais de imediato gostaríamos de apontar. O primeiro deles, mais genérico, está relacionado a um esforço de contextualização, onde elementos de outros ramos do fazer jornalístico são pinçados para nos ajudar a entender o que diz respeito à apuração jornalística e ao próprio conceito de ciberespaço ou ciberespacial. Aqui os aportes de Bahia (1990) e Lemos (1997) são fundamentais.

Num segundo momento procuramos qualificar e posicionar as diferenças terminológicas entre jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo, caracterizando cada um deles conforme classificação proposta por Mileniczuk

Abstract

In this work, through systematic presentation of some features and concepts related to web journalism and routines of their production, specifically with regard to changes in the processes of journalistic verification, aim to contribute to understanding the critical web journalism along with its effects on ways of organizing society media at present. Also looking encourage the development of evaluation capacity for products the web journalism and professional practice linked to them, be it academic and / or market, thereby facilitate the understanding of changes in the procedures of verification web journalism and / or journalism of cyberspace.

Keywords

Web journalism; Verification journalistic; Routines of production; Proceeds from web journalism; Journalistic processes.

(2003).

Depois procurando desdobrar as complexas questões envolvidas na apuração jornalística no ciberespaço, apresentamos as características gerais do webjornalismo junto com as particularidades de cada uma das gerações por ele experimentadas – primeira, segunda, terceira e quarta gerações – para só então detalhar as mudanças e as especificidades da apuração jornalística no webjornalismo de hoje, ou seja, no webjornalismo de quarta geração. Nessa fase nos dão suporte principalmente as considerações de Machado (2000) e de Schwingel (2005).

Por fim procuramos fechar nossa incursão com um comentário crítico acerca dos produtos jornalísticos na web e acerca da própria prática profissional nesse novo palco

de atuação. Para isso tomamos como base os postulados de Dell Bianco (2004) e Pereira (2004), principalmente no que diz respeito ao jornalismo e/ou ao “jornalista sentado” junto com suas implicações na apuração e no fazer jornalístico na atualidade.

A APURAÇÃO JORNALÍSTICA

Segundo Bahia (1990, p. 40) “a apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo”. Ela é um elemento essencial no processo da informação e quer dizer em jornalismo o completo levantamento dos dados de um acontecimento que servem de substrato para se escrever a notícia. “É o processo que antecede a notícia e que leva à formulação final do texto”, resume o autor.

No jornalismo, a partir do século XIX, a reportagem se tornou um dos atributos próprios para definir a atividade jornalística e o seu papel social. Já a apuração jornalística adquiriu um caráter padronizado elegendo, por exemplo, a entrevista como uma técnica jornalística, introduzindo a pauta como condutor da ação do repórter e absorvendo as novas tecnologias na rotina de trabalho – como denuncia o uso intensivo do telefone como recurso para contato com as fontes de informação.

Por reportagem não estamos nos referindo necessariamente a um gênero de jornalismo informativo caracterizado pelo aprofundamento na investigação, mas à própria atividade cotidiana do jornalista ao recolher informações que servirão de base para a elaboração dos relatos jornalísticos.

Podemos então, citar como exemplo preocupações como as de Meyer (2002, p.22) que procurou alterar os procedimentos de apuração jornalística, aplicando os métodos utilizados pelas ciências sociais, particularmente os de base quantitativa. A execução de um “jornalismo de precisão” foi proposta, de forma sistemática, por Meyer em seu livro *Precision Journalism*, em 1973. Nessa concepção Meyer, afirma

que o jornalismo de precisão se relaciona a “aplicação de métodos de pesquisa das ciências sociais e comportamentais para a prática do jornalismo”. Com isso a intenção de Meyer (2002) era que um novo conjunto de ferramentas de apuração pudesse ampliar o leque de tópicos acessíveis à investigação jornalística.

Contudo, na atualidade, conforme Machado (2003), as reais transformações no jornalismo com as redes telemáticas são de outra grandeza, envolvendo alterações em todas as etapas da produção jornalística, que nem as idéias de “jornalismo de precisão” ou de “reportagem assistida por computador” podem dar conta, já que elas caracterizam a tecnologia apenas como ferramenta auxiliar no trabalho jornalístico.

O correto é que no jornalismo em geral e no webjornalismo em particular, podemos nos referir à existência de um método próprio de trabalho. Método este que diz respeito a um conjunto de regras procedimentais de apuração de um fato, baseadas em valores e concepções sobre o papel e as formas de atuação jornalística, que visam atingir um determinado fim (produzir notícias) sobre fatos e opiniões considerados de interesse público ou diversionais.

Portanto, falar em método de apuração jornalística significa falar de um conjunto de práticas (habilidades e técnicas) executadas pelos jornalistas, como por exemplo a observação de eventos e de seus desdobramento, entrevista com fontes de informações, leitura de documentos e outros dados de natureza técnica, etc.

Entretanto, não custa lembrar que ao longo do tempo o jornalismo se tornou uma atividade coletiva, organizacional e industrial, que exige do repórter uma operacionalidade nos seus atos e objetivos, expressa em uma pauta pré-definida, balisada por parâmetros de avaliação da noticiabilidade dos eventos e cuja execução é controlada por outros jornalistas.

Nessa lógica, a produção com

poucos recursos em períodos exíguos de tempo para uma publicação cada vez mais acelerada conduz a uma simplificação do método de trabalho jornalístico e por vezes acaba por limitar a capacidade de captar e verificar informações. É a partir desta crítica ao “positivismo” presente numa proposta de um jornalismo de precisão de base quantitativa, que pesquisadores sociais de matriz qualitativa consideraram necessário rever tanto os modos tradicionais de reportagem jornalística, quanto as contribuições que as ciências sociais quantitativas poderiam trazer à atividade.

O ponto de vista de Machado (2003) é de que métodos e técnicas qualitativas como a etnografia, a observação participante e a entrevista em profundidade, poderiam complementar a apuração jornalística, os quais já não forneceria a variedade de habilidades necessárias para uma completa cobertura noticiosa em um ambiente atual de mídia interativa e global.

Com essa preocupação os jornalistas, bem como os pesquisadores em comunicação, viram-se forçados a ampliar o grau de validação de seus estudos o que estimulou-os a combinarem métodos de trabalho, sejam de base qualitativa ou quantitativa. Esta combinação pode ocorrer simultaneamente nas reportagens, buscando confrontar os dados oriundos de diferentes fontes para que se complementem e permitam conclusões mais precisas.

Um exemplo ilustrativo desta combinação de abordagens é o uso que o jornal Folha de São Paulo faz do Instituto de Pesquisa Datafolha, pertencente ao mesmo Grupo Folha da Manhã, para levantar dados eleitorais e situações sociais complexas. Para isso, a atividade jornalística depende da composição de uma equipe multidisciplinar para pesquisa e interpretação dos dados.

A CARACTERIZAÇÃO DOS TERMOS

Apesar da explosão da utilização da Internet para fins jornalísticos ter ocorrido há quase

uma década e estudos significativos já terem sido desenvolvidos sobre o assunto, ainda não há um consenso sobre a terminologia a ser utilizada quando nos referimos ao jornalismo praticado na Internet, para a Internet ou com o auxílio da Internet.

Em linhas gerais, observa-se que autores norte-americanos utilizam o termo “jornalismo on-line” ou “jornalismo digital”, já os autores de língua espanhola preferem o termo “jornalismo eletrônico”. Também são utilizadas as nomenclaturas “jornalismo multimídia” ou “ciberjornalismo”. De forma genérica, pode-se dizer que autores brasileiros seguem os norte-americanos, utilizando com maior frequência o termo “jornalismo on-line” ou “jornalismo digital”.

Buscando ordenar as terminologias Mielniczuk (2003) propõe uma sistematização que privilegia os meios tecnológicos, através dos quais as informações são trabalhadas, como fator determinante para elaborar a denominação do tipo de prática jornalística, seja na instância da produção ou na instância da disseminação de informações jornalísticas.

Conforme a autora o âmbito “eletrônico” seria o mais abrangente de todos, visto que a aparelhagem tecnológica que se utiliza no jornalismo é, em sua maioria, de natureza eletrônica, seja ela analógica ou digital. Dentro do espectro eletrônico, existe a “tecnologia digital” a qual ocupa um espaço maior a cada dia que passa. Esse crescimento acontece tanto na captura, processamento ou disseminação da informação. O “jornalismo digital” também pode ser denominado de “jornalismo multimídia”, pois implica a possibilidade da manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem.

Já o prefixo “ciber”, remete à palavra cibernética, sendo o ciberespaço um espaço hipotético ou imaginário, no qual se encontram imersos aqueles que pertencem ao mundo da eletrônica, da informática. A

concepção de Lemos (1997, p.12-15) diz que o ciberespaço pode ser entendido a partir de duas perspectivas: “como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta (BBS, videotextos, Internet...)”. Para o autor, porém estamos caminhando para uma interligação total dessas duas concepções do cyberspaço, pois segundo ele as redes vão se interligar entre si e, ao mesmo tempo, permitir a interação por mundos virtuais em três dimensões. “O cyberspaço é assim uma entidade real, parte vital da cybercultura planetária que está crescendo sob os nossos olhos”.

Interessa, portanto que, em acordo com Mielniczuk (2003), a palavra “ciberjornalismo” vai nos remeter ao jornalismo realizado com o auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética ou ao jornalismo praticado no - ou com o auxílio do - ciberespaço. A utilização do computador para gerenciar um banco de dados na hora da elaboração de uma matéria é um exemplo da prática do ciberjornalismo.

O termo “online”, por sua vez, reporta à idéia de conexão em tempo real, ou seja, fluxo de informação contínuo e quase instantâneo. As possibilidades de acesso e transferência de dados on-line utilizam-se, na maioria dos casos, de tecnologia digital. Porém, nem tudo o que é digital é online. Já “webjornalismo”, refere-se a uma parte específica da Internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável. A Internet envolve recursos e processos que são mais amplos do que a web, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de Internet.

Conforme Canavilhas (2001), a nomenclatura em jornalismo, encontra-se direta ou indiretamente relacionada com o suporte técnico. O autor aponta que para designar o jornalismo desenvolvido para

a televisão, utilizamos “telejornalismo”; o jornalismo desenvolvido para o rádio “radiojornalismo”; e também chamamos de “jornalismo impresso” àquele que é feito para os jornais impressos em papel. É dessa forma, portanto, que podemos usar “webjornalismo” para falar o jornalismo feito para a web.

Na rotina de um jornalista contemporâneo, segundo Mielniczuk (2003) estão presentes atividades que se enquadram em todas essas nomenclaturas. Por exemplo: ao consultar o arquivo da empresa na qual trabalha, o profissional poderá assistir a uma reportagem gravada em fita VHS (jornalismo eletrônico); usar o recurso do e-mail para comunicar-se com uma fonte ou mesmo com seu editor (jornalismo on-line); consultar a edição anual condensada – editada em CD-ROM – de um jornal (jornalismo digital); verificar dados armazenados no seu computador pessoal (ciberjornalismo); ler em sites noticiosos disponibilizados na web material que outros veículos já produziram sobre o assunto (webjornalismo).

● WEBJORNALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Ao estudar as características do jornalismo desenvolvido para a web, Bardeol e Deuze (2000), apontam quatro elementos: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia. Palacios (1999), com a mesma preocupação, estabelece cinco características: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória. Estas características junto com a supressão dos limites de tempo e espaço para a postagem de informações suportam a ontologia do webjornalismo, ou seja, constituem-se em sua natureza primeira.

Conforme Mielniczuk (2001) a interatividade diz respeito à capacidade do webjornalismo de fazer com que o leitor/ usuário sinta-se parte do processo. Isto pode

acontecer pela troca de e-mails entre leitores e jornalistas; através da disponibilização da opinião dos leitores, como é feito em sites que abrigam fóruns de discussões; e/ou através de chats com jornalistas. Porém, a interatividade pode se dar também no âmbito da própria notícia, ou seja, a navegação pelo hipertexto que, conforme Machado (1997), constitui-se numa situação interativa.

Já a customização do conteúdo ou personalização, também denominada de individualização, consiste na existência de produtos jornalísticos configurados de acordo com os interesses individuais do usuário. Há sites noticiosos, entre eles o da CNN, que permitem a pré-seleção dos assuntos de interesse, assim quando o site é acessado, este já é carregado na máquina do usuário atendendo à demanda solicitada.

A hipertextualidade, por sua vez, traz a possibilidade de interconectar textos através de links. Bardeol e Deuze (2000) chamam a atenção para a possibilidade de, a partir do texto noticioso, apontar-se para outros textos: como para aqueles originários de releases; para outros sites relacionados ao assunto; para o material de arquivo dos jornais, etc. Enfim, para textos que possam levantar os 'prós' e os 'contras' do assunto em questão.

No contexto do webjornalismo outras características são a multimídia que trata da convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico; e, a memória que aponta para o acúmulo das informações, fato mais viável técnica e economicamente no webjornalismo do que em outras mídias. Sendo assim, o volume de informação diretamente disponível ao usuário é consideravelmente maior, seja com relação ao tamanho da notícia ou à disponibilização imediata de informações anteriores.

AS GERAÇÕES DO WEBJORNALISMO

Conforme os autores Pavlik (2001), Silva

Jr, (2002), Palacios (2002), e Mielniczuk (2001), podemos classificar o webjornalismo e o seu desenvolvimento, a partir da esfera do produto, em quatro gerações.

No webjornalismo de primeira geração os produtos oferecidos foram ou são meras reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na Internet. As primeiras experiências realizadas, o que era chamado então de jornal online na web, não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias para um novo suporte.

O webjornalismo de segunda geração, mesmo favorecido pelo desenvolvimento da estrutura técnica da Internet, ainda era ou é atrelado ao modelo do jornal impresso, porém nele começam a ocorrer experiências na tentativa de explorar as características específicas oferecidas pela rede. Nesta fase, o jornal impresso é utilizado como metáfora para a elaboração das interfaces dos produtos.

Tal cenário começa a se modificar com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. Isso marca o webjornalismo de terceira geração. Um dos primeiros e, talvez, principal exemplo desta situação seja a fusão entre a Microsoft e a NBC, uma empresa de informática e uma empresa jornalística de televisão, ocorrida em 1996. O www.msnbc.com talvez tenha sido o pioneiro site de jornalismo que não surgiu como decorrência da tradição e da experiência do jornalismo impresso.

Já o webjornalismo de quarta geração (4G) vai se utilizar de banco de dados que, devido à tecnologia internet, junto com as linguagens de programação muito dinâmicas, passa a gerar páginas que somente existem devido às solicitações do usuário ao navegá-las; e/ou telas que podem apresentar áreas de informações flexíveis em estruturas que possibilitam a correlação de dados e de campos informativos.

Nessa fase a utilização de tecnologias de banco de dados associadas a sistemas automatizados para a apuração, edição e veiculação de informações são os elementos marcantes para o webjornalismo. Nela ocorre a efetiva industrialização dos processos jornalísticos para a web que até então eram elaborados de forma intuitiva e artesanal.

Nessa geração com a definição de campos para as informações nos bancos de dados jornalísticos, conforme aponta Fidalgo (2004), pode-se buscar uma ampla contextualização das informações, de forma automática e potencializada, desenvolvendo um sistema de apuração diferenciado para o webjornalismo. Nessa fase surge a possibilidade e a necessidade de correlacionar “meta-dados”, ou seja, em identificar e colocar em análise informações dentro das informações. Os “meta-dados”, segundo Colle (2002), são dados sobre outros dados e se constituem em ferramentas que devem guiar os usuários tanto na consulta quanto na busca de novas informações sobre os mesmos e sobre o sistema em si.

0 PROCESSO DE APURAÇÃO NO WEBJORNALISMO 4G

Em um sistema automatizado de produção no webjornalismo, característico de sua quarta geração, o controle do processo parece se encontrar na elaboração de sua “arquitetura da informação”, já que em todas as demais etapas há a possibilidade de incorporação do usuário. A publicação aberta e o desenvolvimento colaborativo que caracterizam o webjornalismo a partir de então, parecem representar, principalmente para o jornalista, a perda do controle do processo de produção de informações no ciberespaço (Machado, 2003).

Nessa fase, porém será a estrutura da informação quem vai estabelecer os elementos do sistema e sua hierarquia; e a navegação é quem, por sua vez, vai relacioná-los entre si, traçando os possíveis

caminhos e possibilidades que os usuários seguirão no sistema.

Dessa forma, podemos considerar três os passos fundamentais ao pensarmos a “arquitetura da informação” de um sistema: o primeiro representa um sistema de orientação para se chegar a determinadas informações, conforme foi pensada nas décadas de 1960 até 1990; o segundo constitui-se em um sistema que orienta o usuário na busca de informações, possibilitando a recuperação das mesmas, conforme identificado nos anos 1990; e o terceiro se estabelece como um roteiro para a criação de narrativas multimidiáticas. Atualmente é este o aspecto mais reivindicado pelos os pesquisadores e pelos profissionais vinculados a produtos jornalísticos e com preocupações comunicacionais (López; Gago; Pereira, 2003; Machado, 2004).

Assim sendo, no caso dos profissionais, destaca-se no webjornalismo de quarta geração o “arquiteto da informação”, termo cunhado por Rosenfeld e Morville (1998). Este se caracteriza por ser aquele profissional que possui uma visão sistêmica de todo o processo. Suas atribuições estão vinculadas a todas as etapas da elaboração de um produto, desde o armazenamento das informações nas máquinas servidoras até as ferramentas de publicação, edição e divulgação das páginas internet, ou seja, do projeto à veiculação. O “arquiteto da informação” é ou deveria ser um profissional que compreende de forma ampla, em teoria e na prática, o ambiente internet, as características do ciberespaço e os conceitos propostos pela cibercultura, desde o hipertexto e seus princípios fundadores.

Um “arquiteto da informação”, portanto, ao elaborar um sistema de publicação que contemple modelos distintos de narrativa, precisaria analisar desde as estruturas do hipertexto jornalístico, as possibilidades e tipologias de ligações sistematizadas pela pesquisa, bem como as características de cada gênero jornalístico

em sua função social para então estabelecer as possibilidades de múltiplas estruturas narrativas.

“Sistemas de publicação”, conforme Schwingel (2005), podem ser considerados como ambientes tecnológicos que possuem as potencialidades dos sistemas de administração de conteúdos e de gerenciamento de portais adaptados às rotinas produtivas do webjornalismo. Ou seja, em sua concepção, um “sistema de publicação” integra, ou necessitaria integrar: ferramentas que explicitem o processo de apuração de uma matéria; ferramentas que facilitem a publicação das informações de forma a apresentar modelos previamente elaborados de roteiros narrativos para os distintos gêneros jornalísticos; e ferramentas que facilitem a veiculação e distribuição das informações.

Dessa forma no webjornalismo de quarta geração os “sistemas de publicação” não permitem mais desvincular os sistemas de apuração, da publicação ou da distribuição das notícias, em função da nova sistemática da produção jornalística, e principalmente da instantaneidade ou atualização contínua que o webjornalismo apresenta e/ou exige. Nele o ideal passa a ser a utilização de um mesmo banco de dados para todas as etapas produtivas, já que, em última instância, desde a apuração até a publicação todas as informações estão em rede.

Nessa fase o que parece fundamental, portanto, é a proposição de ferramentas diferenciadas para que cada editoria e/ou seção possa proceder à sua apuração, com filtros e acessos a bancos de dados externos específicos. Ou seja, a necessidade é de diferentes bases de dados, pois cada função requer uma base específica.

É assim o webjornalismo de quarta geração pode consolidar a utilização de bancos de dados complexos (relacionais, voltados a objetos) através da utilização de ferramentas automatizadas e diferenciadas (sistemas para a apuração, a edição e

a veiculação das informações) na elaboração de produtos jornalísticos. Essas ferramentas acabariam por vincular diferentes plataformas e distintos ambientes, utilizando-se de tecnologias também diferenciadas de acordo com seus interesses e conveniências (Schwingel, 2005).

Tais sistemas complexos necessitam ser desenvolvidos ou por “arquitetos de informação” com formação em jornalismo ou por jornalistas em conjunto com profissionais de informática, e em especial da área de análise de sistemas e gerenciamento de conteúdo. Essa conjunção promoveria uma melhor integração e um produto efetivamente diferenciado. O trabalho, portanto, deve ser imprescindivelmente em equipe.

O WEBJORNALISMO 4G E O JORNALISTA SENTADO

O webjornalismo inegavelmente mudou a rotina de trabalho do jornalista. Se antes o profissional despendia muito tempo ao deslocar-se a uma biblioteca para fazer uma pesquisa, hoje com um simples clique no mouse é possível acessar informações sobre tudo e de todo o mundo. A Internet oferece aos profissionais do jornalismo a possibilidade de buscar informações em diversas fontes e em qualquer ponto do globo, o que auxilia na confecção e na definição das pautas, na produção e na apuração da informação como potencial de notícia.

O jornalista na Internet, para Del Bianco (2004), tem que estar o tempo todo atento aos detalhes que envolvem a sua notícia, tem que ter capacidade de produzir um texto final, que não dependa necessariamente da aprovação de um editor. Isso porque a Internet é um meio que exige mais agilidade e necessita de profissionais que tenham iniciativa.

Porém, as redes não são apenas uma ferramenta auxiliar para a elaboração de conteúdos para os meios clássicos, ainda abastecidos com métodos clássicos de

coleta de dados, mas, suporte para todas as etapas do sistema jornalístico de produção. Hoje tanto a pesquisa e a apuração quanto a circulação dos conteúdos estão circunscritos às fronteiras da Internet.

Esse “novo” jornalismo, principalmente em sua quarta geração, liberta os profissionais dos pontos de vista limitados expressos por especialistas e fontes oficiais, pois possibilita àqueles buscarem informações na origem dos acontecimentos. Enquanto, nos modelos de pesquisa nos meios convencionais a apuração parte de fatos que podem ser localizados com facilidade, factóides isolados de uma determinada região e mais freqüentemente de declarações, no modelo eletrônico de apuração jornalística, os fatos são substituídos pela necessidade de uma “frase de busca” que defina a questão ou problema pautado.

No modelo clássico, antes do relato ser publicado o jornalista deveria encontrar os fatos, buscar os produtores de fatos para contrastar os indícios com os fatos arquivados no jornal, além da obrigação de entrevistar parlamentares ou funcionários vinculados ao assunto. No caso da apuração eletrônica, que parte de uma frase para descrever o tema da notícia ou reportagem, antes do relato contextual dos fatos o jornalista pode consultar dados armazenados ou fontes disponíveis na internet, entrevistar os sujeitos dos fatos e também avaliar o conteúdo das declarações, tanto no espaço eletrônico quanto nas páginas impressas (Del Bianco, 2004).

Porém, por outro lado, a estrutura descentralizada da Internet pode complicar o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes, devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial. É por isso que uma das principais novidades do webjornalismo 4G reside na sua possibilidade de descentralização da apuração e difusão da informação, o que

provoca a alteração na relação de força entre os diversos tipos de fontes pois concede a todos os usuários da rede o status de fontes potenciais para os jornalistas.

Por isso não é exagerado afirmar que o webjornalismo 4G promove uma inversão no processo tradicional de produção de notícias, porque o repórter antes de sair na perseguição de uma personalidade qualquer para recolher uma declaração sobre um determinado fato, deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem. De fato, conforme essa lógica, a rede tem sido um instrumento para coletar informações prontas, de segunda ou terceira mão, e a qualquer momento. Essa modalidade tornou a Internet “parte constitutiva” do próprio método de checagem e apuração de informação (Del Bianco, 2004).

É por isso que ao constituir-se num ambiente no qual os jornalistas se movem em busca de informação, onde exercem a tarefa de escolher entre centenas de acontecimentos aqueles que merecem o status de notícia, a Internet pode debilitar o processo da checagem, enfraquecendo o jornalismo de verificação, a medida em que permite fácil acesso às matérias e as declarações sem que se faça o trabalho de investigação.

Assim, conforme Del Bianco (2004), para os jornalistas que usam a Internet na produção de notícias, a realidade virtual estaria se convertendo em um novo modo de conhecimento do mundo exterior e das pessoas. Entre os jornalistas, consolida-se o habitus de adotar práticas midiáticas de conhecimento do real. É por essa razão há sempre mais pessoas na redação apurando informação do que nas ruas, em busca de fatos novos.

A Internet, segundo Perreira (2004), coloca nas mãos dos jornalistas a possibilidade de obter rapidamente a informação necessária para complementar suas matérias, contribuindo para

contextualização e aprofundamento dos temas abordados. Mas, por outro lado, esse procedimento traz implícito também a padronização do conteúdo porque é comum o uso frequente das mesmas fontes.

Isso leva a aplicação e/ou a adaptação para a produção jornalística na web do conceito francês de “jornalista sentado” (*journaliste assis*). Conforme Neveu (2001), o termo é utilizado para designar um jornalismo mais orientado ao tratamento (formatação dos textos de outros jornalistas, gênero editorial ou comentário) de uma informação que não é coletada pelo próprio jornalista.

A alimentação dos sites jornalísticos baseia-se hoje, em grande parte, num modelo que dispensa a apuração convencional. “Em linha implica um jornalismo estritamente sentado que consiste em reunir informações disponíveis (e frequentemente propostas espontaneamente pelas fontes), disponibilizá-las pelo valor e dirigi-las ao público” (Ruellan, 1998, p.83).

O resultado segundo Pereira (2004) é a publicação de notícias a “conta-gotas”, de informações ainda sem confirmação e de notas praticamente irrelevantes do ponto de vista do internauta. Essa publicação de notícias a “conta-gotas” seria, na opinião de Marcondes Filho (2000, p. 45), uma opção ideológica que destaca a primazia da técnica no processo de produção da notícia. Por isso, o trabalho do “jornalista sentado” se resume, muitas vezes, a copiar o despacho, a colar no banco de dados que alimenta o site e a trocar o sistema de siglas usado para identificar a matéria.

Os argumentos que desqualificam o jornalista e/ou o jornalismo sentado defendem a apuração junto às fontes primárias como um fator essencial na atribuição das rotinas de produção da notícia. É notório que, com a Internet e a emergência desse profissional, a noção de apuração perde terreno para a necessidade de alimentação contínua do sistema. Mas,

por outro lado, a simples transformação de informações externas em notícias não deixa de ser um trabalho jornalístico. Pois, entre o copidesque da notícia da agência (criação leve) e a reportagem (criação pesada), ser jornalista é também inserir-se num processo de produção que leva à transformação de dados em notícia.

NOTAS

* Jornalista pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestre e Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES/ PROSUP.

Email: vjrsanti@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. 2v.

BARDOEL, J.; DEUZE, M. (2000) **Network Journalism: converging competences of old and new media professionals**. Disponível em: <<http://home.pscw.uva.nl/deuze/pub19.htm>>. Acesso em 1º de abr. 2008.

CANAVILHAS, João Messias. (2001) **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html>. Acesso em 5 de abr. 2008.

COLLE, R. **Explotar la información noticiosa**. Data minino aplicado a la documentación periodística. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2002.

DEL BIANCO, Nelia R. (2004) **A Internet como fator de mudança no jornalismo**. Disponível em: <<http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/856/639>>. Acesso em 1º de abr. 2008.

Science Methods. 4th ed. Lanham (USA): Bowman & Littlefield Publishers, 2002.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Tese.

MIELNICZUK, L. (2001) **Características e implicações do jornalismo na Web.** Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em 2 de abr. 2008.

NÉVEU, Erik. **Sociologie du Journalisme.** Paris: La Découverte, 2001.

PALACIOS, Marcos. (1999) **O que há de (realmente) novo no jornalismo online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, 21.09.1999.

PALACIOS, M.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B.; NARITA, S. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. In: **Comunicarte, Revista de Comunicação e Arte**, vol.1, n.2, Universidade de Aveiro, Portugal, set.2002.

PAVLIK, J. V. **Journalism and new media.** New York, Columbia University Press, 2001.

PEREIRA, Fábio H. O jornalista sentado e a produção da notícia on-line no CorreioWeb. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 2004.

ROSENFELD, L; MORVILLE, P. **Information Architecture for the World Wide Web.** Santa Clara: O'Reilly & Associates, 1998.

RUELLAN, Denis. En Ligne: um journaliste como les autres?. In: RUELLAN, Denis. **Les Cahiers du Journalisme: journalismes et technologies nouvelles de mutations obligeés.** Lille:Centre de Recherche de l'Ecole Supérieure de Journalisme, 1998.

SCHWINGEL, C. A. **Comunicação e criação na internet: análise das equipes de desenvolvimento**

web e dos grupos de desenvolvimento de softwares. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2002. Dissertação.

SCHWINGEL, C. A. (2005) **Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/carlaschwingel2005.doc>>. Acesso em 2 de abr. 2008.

SILVA JR., José Afonso. **A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporâneo: agências de notícias como estudo de caso.** Trabalho apresentado no XI Encontro Anual da Compós. Rio de Janeiro, 2002.